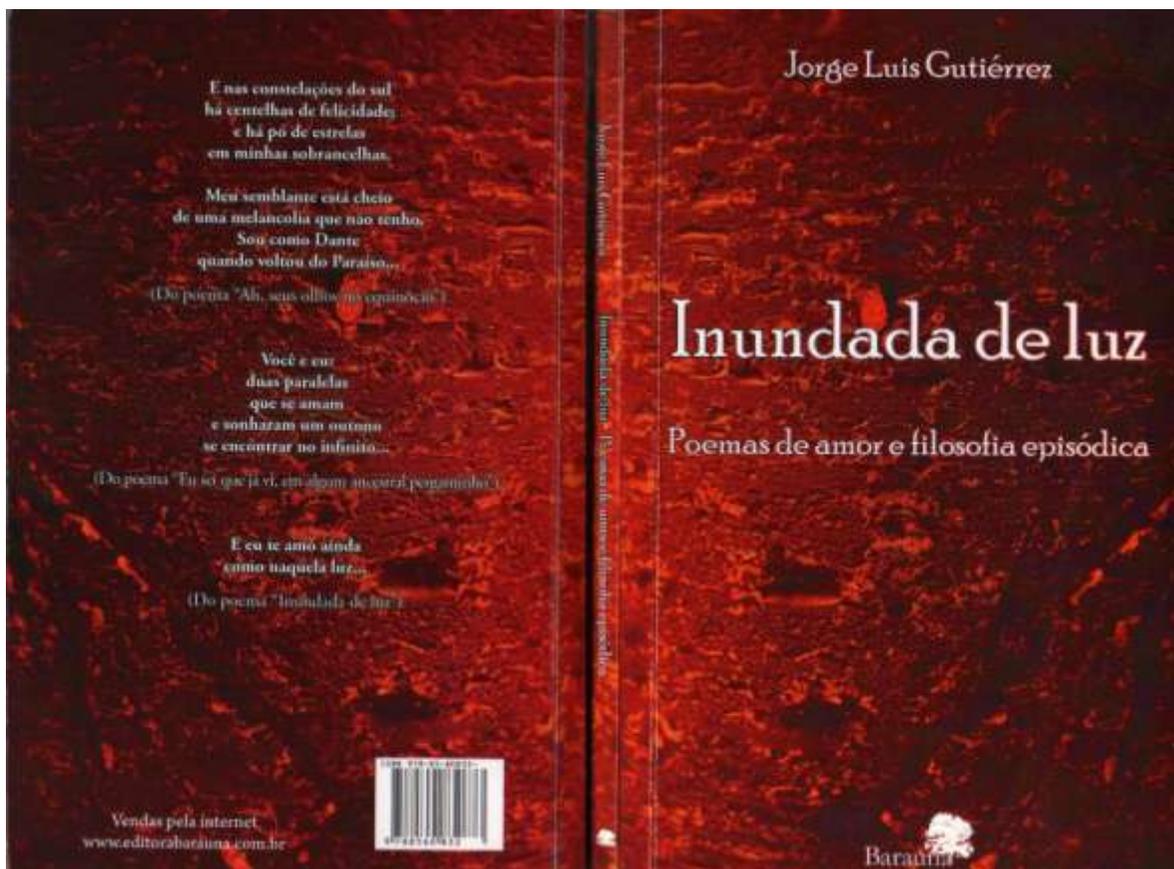


Para comprar este livro: Editora: [Baraúna](#)

INUNDADA DE LUZ

Poemas de amor e filosofia episódica

Jorge Luis Gutiérrez



Copyright © 2009 by Editora Baraúna SE Ltda

Capa e Projeto Gráfico
Alex Resner

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G342s

Gutiérrez, Jorge Luis
Inundada de Luz - Poemas de Amor e Filosofia Episódica / Jorge
Luis Gutiérrez. - São Paulo : Baraúna, 2009.

ISBN 978-85-7923-078-3

1. Poesia - brasileira. I. Título.

09-3002. CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

15.09.09 18.09.09 013375

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

DIREITOS RESERVADOS PARA ESTA EDIÇÃO À EDITORA BARAÚNA
www.editorabarauna.com.br

Rua João Cachoeira, 632, cj.11
CEP 04535-002 Itaipu Bico São Paulo SP
Tel.: 11 3167-4201

www.editorabarauna.com.br

Jorge Luis Gutiérrez

INUNDADA DE LUZ

Poemas de amor e filosofia episódica


Baraúna
São Paulo 2009

ISBN 978-85-7923-078-3



Inundada de Luz, é um livro escrito nas sinuosas fronteiras da poesia e filosofia. Fronteiras: lugar de conflitos e de encontros. Separam e unem. Poesia de serenidade e embate entre o fugaz e o que nunca sai da lembrança. Limites difusos entre as ruas das cidades e a solitária imensidão dos desertos, entre o que muda constantemente e o permanentemente igual. Entre o momentâneo e o que fica para sempre. Entre o episódico e o ilusório. Entre a razão e a vontade. Entre as imagens nos espelhos e a matéria. Pináculos e abismos. Fome de beleza. Desejos consumados. Rostos. Gratidão. Fragmentos e desfragmentos. Ilusão e lucidez. Esperando, como os antigos filósofos, que da luta dos contrários nasça a mais bela harmonia. Que dos fragmentos raie a unidade e do conflito desponte a própria vida. E, como os antigos poetas, colocar em palavras a fome de beleza e eternidade. E sem saber se o amor é uma brevidade interminável ou uma perpetuidade que dura somente um instante, atravessar as tristezas sem nenhuma tristeza...

Estes poemas são como uma estrada a muitos lugares. Para o infundável e para o quotidiano. Vai da argila às formas femininas, da luminosidade à fraternidade da noite. Do infinito à brevidade. Aos labirintos e a os olhares. Ao corpo amado e à poesia escrita sobre a pele. Ao sensual e á sabedoria. Aos encontros e a os desencontros. E, com certeza, a tantos outros lugares que não estão no mapa... E se depois de ler estes poemas, você ficar com uma filosófica e poética sensação de encanto e com um alegre desejo de amar.... esta obra terá alcançado seu mais alto objetivo.

*"Vai, pois, come com alegria o teu pão
e bebe gostosamente o teu vinho,
pois Deus já de antemão se agrada das tuas obras.
Em todo o tempo sejam alvas as tuas vestes,
e jamais falte o óleo sobre a tua cabeça.
Goza a vida com a mulher que amas,
todos os dias da tua vida fugaz,
os quais Deus te deu debaixo do sol;
porque esta é tua porção nesta vida
pelo trabalho com que te afadigaste debaixo do sol"*

Eclesiastes 9:7-9

SUMÁRIO

- ESTA NOITE CHOVE INFINITAMENTE SOBRE AS VERDADES INFINITAS.....7
- ENCANTA-ME NOVAMENTE.....10
- ASSIM FOMOS NÓS NESSA NOITE.....12
- POEMA DE AMOR AO ESTILO ANDALUZ.....15
- BREVÍSSIMA REFLEXÃO FILOSÓFICA SOBRE UMA MULHER DISTANTE.....16
- TE LEMBRAS QUE ERAS INFINITA.....18
- OLHANDO O PORTO DE VERACRUZ, PENSO NO PORTO DE VALPARAÍSO.....26
- TANTAS VEZES.....30
- EU SOU EU.....33
- LONGÍNQUA.....35
- ACONCHEGO.....37
- ALMA DE ANDORINHA.....38
- NAS PORTAS DO INVERNO TE ENCONTREI PRIMOROSA.....39
- O OUTONO LÁ FORA ESTÁ QUASE TERMINANDO.....42
- PARA AMAR-TE ESTA NOITE.....45
- DEITADA NA TARDE.....46
- ELA PASSA.....47
- PRIMEIRA RIMA NO OUTONO.....50
- SEGUNDA RIMA NO OUTONO.....52
- PRIMEIRA RIMA DE PRIMAVERA.....54
- SEGUNDA RIMA DE PRIMAVERA.....55
- POEMA PARA TEU ACORDAR.....56
- POEMA PARA TEU MEIO-DIA.....58
- POEMA PARA TEU ENTARDECER.....61
- INUNDADA DE LUZ.....63
- NESTA PRIMAVERA.....67

- MULHER DESFRAGMENTADA.....70
- GEOGRAFIAS DO TEU CORPO I - SERÁS.....72
- GEOGRAFIAS DO TEU CORPO II - NO SUL DE TEU CORPO.....74
- GEOGRAFIAS DO TEU CORPO III - NO NORTE DE TEU CORPO.....76
- GEOGRAFIAS DO TEU CORPO IV - TU ÉS UVA EM MINHAS VEIAS.....78
- GEOGRAFIAS DO TEU CORPO V - ACORDEI.....89
- GEOGRAFIAS DO TEU CORPO VI - VEM-TE TODA NUA.....81
- AH, SEUS OLHOS NO EQUINÓCIO.....83
- BEM-VINDA AO INVERNO.....91
- BEM-VINDA AO SILENCIO.....93
- BRINDO POR VOCÊ NOS INFINDÁVEIS MARES.....95
- EU SEI QUE JÁ VI, EM ALGUM ANCESTRAL PERGAMINHO,
ESSA TRISTEZA AZULADA QUE HOJE VOCÊ TINHA RABISCADA NO ROSTO.....97

ESTA NOITE CHOVE INFINITAMENTE SOBRE AS VERDADES INFINITAS

Esta noite chove infinitamente
sobre as verdades infinitas...

E pelo molhado ritmo do mundo
eu te vou interpretando,
te etimologizo,
traduzo-te em poesia
existencialmente latente.

Chove...

E nos compassos
hermenêuticos das gotas
te escrevo e te reescrevo.

E penso que a chuva
é uma espécie
de metáfora tua:
Que cada gota é um alfabeto
perfeito para descrever-te.
Um referencial
peremptório e conciso
para significar-te...

E tudo se umedece
de acepções emergentes,
de tua humana humanidade
feminina e candente.

E me interpreto
enquanto te interpreto,
e te traduzo
enquanto me traduzo.

E sou o tradutor de mim mesmo:
e ao traduzir-me
sou o supremo intérprete
dos signos de teu corpo.

E na distância e no tempo
és alegoria ambivalente.

E eu sou um campanário
que a cada momento
replica que te amo
e o tanger faz
eco em tua epiderme...

E no mural de teus olhos
está tudo desenhado:

É por isso que meus olhos
em teus olhos se encantam.

É que tu és beldade
de contornos angelicais;
És vapor sensual
deambulando nos pulmões
de um poema;
és arte anatômica,
lírica e impetuosa.

E em ti encontro e reencontro
as formas perfeitas
e as cores precisas...
No meio de canções enigmáticas
que a água vai tocando pelo ar,
no arquetônico violino de tua nudez.

ENCANTA-ME NOVAMENTE

É domingo...

Céu azul e luz amena.

O desejo de ti

bóia sobre a cidade.

Domingo lícido e claro.

Silencio possante.

Cada átomo cristalino

acende as carícias do passado.

Sinto falta do sortilégio

de tua presença.

Quando tua ternura

podia enfeitiçar-me.

E como um lírico grego,

me embebedava em tua mesa

com as uvas da poesia.

Com o vinho da vida borbotando.

No banquete

que tu me oferecias.

Ah!, tempo excelso
em que a teu lado
eu podia sentir e tocar
a virtude despida...

Época de néctar
e *ambrosia*.

De afeto
ferozmente humano.

Ah, mulher!
encanta-me novamente;
Desvela-me os oráculos
de tua poesia.

Mostra-me o caminho
da verdade e da alegria.

E os versos da vida
sobre tua pele nua.

ASSIM FOMOS NÓS NESSA NOITE

Será outra vez o sol quando amanheça.

Será a luz intensa e amorosa.

E será na romantizada plenitude
que a ficção fecundará a nossa história.

É que uma noite te encontrei num abraço,
e teu cabelo se enredou por meus dedos...

Porém tudo foi tão brevemente
como chuva caindo nos desertos,
da tristeza sem céu localizada
na desolada aridez de nossos portos.

É que sempre me parece que te achegas
ainda que no fundo saiba que vais indo.

E nessa noite de tramas e mimeses
tua mão aqueceu a minha mão,
como o sol às gélidas montanhas,
nas ladeiras de paródias e idioletos...
numa dança lírica de homérico argumento,
pela fantasia narrativa do real e imaginário,
na trágica amálgama de razão e sentimento.

Nós, oscilando

nos significados e significantes
das românticas intrigas
dos relatos e do tempo.

E a teu lado eu pensei na primavera...
uma primavera fugaz que cabia toda
nas partes mais bonitas de teu corpo.

E eu soube que o amor ainda perdura
no cálido ventre de teu horto;
e no torrencial caudal do desejo
que juntos navegamos mar adentro.

Pois é no limite do vale e o deserto
que a vida germina com ternura,
e se agarra a sementes passageiras,
na vital fronteira de um encontro.

Assim fomos nós nessa noite:
num fértil e artístico contraste,
fomos água e areia simultânea
nas orlas difusas do silêncio.

E depois te perdeste no nada...
nos palácios adjacentes à memória;
nos jardins sem luz da lembrança;
nas avenidas intermináveis do que falta;

e na amarga estrada que termina
na desconsolada saudade de teu corpo;
e na poesia sensual de tua mirada
que repentinamente chega com o vento.

E essa noite voltará inflexivelmente:
porque ainda que ela já não exista,
como passado sempre está presente...
e continuamente poderia ir melhorando,
já que é bom ou ruim o acontecido,
dependendo de como eu te pense.

E há uma parte de mim que ainda te toca,
como o deserto aos rios e vai vivendo...

E nessa hora em que nos aproximamos...
e meus olhos atingiram tua beleza,
eu senti que não é a duração
que faz a primavera,
pois há primaveras breves e essenciais
que cintilam nos orvalhos do inverno...

E não posso distinguir se está chovendo
ou é o sol que te alumia docemente.

POEMA DE AMOR AO ESTILO ANDALUZ

Ai mulher! que vou dizê-lo
com o calor de meu verso:
a verdade é que esta noite
quero teus olhos intensos.

Quero-os para olhar-me
e para ver-me em teu céu,
e ver as constelações
entre teus cílios de fogo.

E sob a lua cigana
dizer-te como te quero,
com um poema mourisco,
de sol e de vinho novo.

E com uma faca de prata
rasgar teu vestido preto
e transitar os caminhos
escondidos de teu corpo.

Ai mulher! que me vou indo
pelo caminho do horto
a beber da água doce
que borbotam teus beijos.

BREVÍSSIMA REFLEXÃO FILOSÓFICA SOBRE UMA MULHER DISTANTE

Privado de você,
desprovido de sua beleza
que amo e anseio:
Como eu estaria feliz?

Preciso de você
para existir em ato...

Necessito você
como a cor necessita
uma flor para a colorir...
(Ah!, que tristes seriam as cores
se não existissem as coisas...)

Indigente de você,
insuficiente de você,
falta de você,
escasso de você:
Nesta minha realidade atual,
minha essência é desejar-te.
Para ser,
para agir,
para viver,
para obrar.

Quero sua presença:
permanente,
douradora,
sem ausências,
nem dor,
intensa e cotidiana.

TE LEMBRAS QUE ERAS INFINITA

Te lembrás que eras infinita.

Lembras que eras bela,
a mais bela entre todas as mulheres,
radiante e risonha.

E querias ser modelo somente
para que eu pudesse fotografar-te.

E eras doce e terna
e ficavas mais doce e mais terna
quando querias que eu
te escrevesse um verso.
E lembro que eu me emocionava
cada vez que dizias
que gostavas viver em meus poemas.

Lembro que eras infinita...
E enchias com tua presença
todo um manuscrito de poemas,
de sabores e temperos,
de sentidos que só eram sentidos
se tinham teu sentido.

Te lembrás dessa manhã
em que eu te declarei

a mulher mais bonita
de todos os mundos:
tidos e por ter.

E te disse:

“Tu és a mais formosa
de todas as festividades...
De todos os agoras...
e de todos os sempre
De todos os céus...
De todas as literaturas...
De todas as epopéias...
E de todas as líricas...
De todos os firmamentos...
De todos os trajetos...
De todos os brindes.
De todos os vinhos”.

E tu me declaraste o melhor
poeta de todas as épocas...

E me ofereceste um banquete,
que nem mesmo Homero,
em toda sua glória, nunca teve.

Ah! que tempos aqueles!
Quando eu te tomava da mão

e te levava a caminhar
pelos templos Hititas...
ou pelos palácios Assírios,
arcaicos e longínquos.

Então tudo era possível...

Lembro teu corpo dançando
refletindo-se no espelho...

alegorizando o amor...

“Os espelhos são como

livros nos quais

estão escritas

nossas outras vidas

que decorrem

paralelas a esta...

São reflexos das vidas

que poderiam ter sido...

nos espelhos se reflete

nossa imagem poética...”

(Eu filosofava...

tratando de impressionar-te).

É que tu tudo fazias possível.

Se até imaginávamos

que muito antes de Tales

nós já tínhamos fundado
a primeira escola filosófica.

E escrevíamos uma nova Odisséia,
na que nós,
muito antes que Ulisses,
já navegávamos pelos
mares de Ítaca.
Se até uma vez tu foste
a lendária Cirene.

Lembras que um dia
nos sentamos à mesa
de Anacreonte.

Mesa cheia de vinho,
pão e poemas...

de uva madura
e figos saborosos.

Ah!, como eras bela.
Eras a própria poesia.

E eu, teu inspirado poeta chileno,
séculos antes que o Eclesiastes
já te falava do pão,
do vinho e da eternidade.

Te lembrás quando aboli
todas as metáforas,
e fui chamando cada parte de teu corpo
com nomes anatômicos.

Lembras desse dia em que
avistamos juntos o monte Olímpio
e Atenas, Afrodite e Artêmis
ficaram com ciúmes
ao ver quão formosa eras.

Lembras que viajávamos
pelas cidades babilônicas...

Lembras que visitamos Cartago
em todo seu esplendor e magnificência.

Lembras que atravessamos profundos
desertos em caravanas de camelos.

Lembras que Akhnatón e Nephertite
nos convidaram a seu palácio
e ele nos leu
seu sublime Hino ao Sol.

Lembras que depois fomos
viajar pelo mediterrâneo

num barco fenício.

Lembras quando conversamos
toda uma tarde com Aristóteles.

E como eu poderia esquecer
quando atravesssei
os infernos para encontrar-te,
como Dante.

E tu me recebeste
e me levaste da mão
ao próprio paraíso.

Lembras que querias viajar
comigo numa balsa pelos mares.
E chegar a costas misteriosas.

Lembras quando
te mostrei como se escrevia
a palavra amor em Sumério.

Lembras que choraste
um dia que eu te disse
que o dia que se ia não voltaria mais.
E que só ficaria em minha memória
tua formosura dessa hora.

Lembras que eu protestava
porque Deus tinha criado
primeiro o mundo e depois os homens:
“Que custava ter criado
primeiro os humanos,
depois criar as filmadoras,
depois as câmeras fotográficas,
depois os vídeos e a televisão.
E depois permitir que filmássemos a criação.
Ah!, dizia eu então,
como me teria agradado
poder filmar quando Deus criava Eva...
(E tu me deste um beliscão)

Te lembras que um dia
me disseste que eu era
teu escritor preferido...

Lembras desse dia
em que te relatei
quase todo o Quixote...

Lembras que eu queria
ler-te inteiro o livro
com os poemas de Góngora.

Lembras quando me disseste

que tu eras uma antiga sacerdotisa
do templo de Astarte
e dançaste nua, um rito pagão...

Lembras quando traduzíamos
arcaicos poemas em antigas línguas.

Lembras de Ovídio e de Catulo...
Te lembras de Abelardo e de Eloísa.....

Te lembras...

Te lembras...

Te lembras...

OLHANDO O PORTO DE VERACRUZ, PENSO NO PORTO DE VALPARAÍSO

Olhando o Porto de Veracruz
penso no porto de Valparaíso.
Valparaíso distante
e exatamente ao outro lado:
Veracruz ao Atlântico norte,
Valparaíso ao Pacífico sul.
Veracruz tropical, quente o ano todo,
Valparaíso com rosto de oceano frio.

Dizem os poetas que Valparaíso
é menos colorido
e um tanto sombrio
com seus morros,
suas ruas e escadas.
Com seus infinitos elevadores,
seu nevoeiro, marulhadas
e horizonte cinza.

E dizem que Veracruz
é cheia de matizes,
radiante, cálida
e plena de luz.

Para mim, na orla
do porto de Veracruz,

parece-me que os
dois portos têm
alegrias e tristezas.
Ambos riem e choram,
encantam-se e se abrumam:
dependendo da hora do dia,
das circunstâncias,
e do que esteja acontecendo.
Do que amamos
e do que queremos esquecer.
Do presente e do ausente.
De quem esteja a nosso lado
e de quem está separado.

Porque é o coração
que vai sobre os mares,
e diferentes amores
constroem diferentes portos.

Dizem também que os morros
de Valparaíso têm
um ar de inclemência no Inverno,
uma espécie de saudade inata...
Diferente de Veracruz
que se mostra
diáfana e transparente.

Bom, devo insistir
que é questão
de pontos de vista,
pois a festa e a aflição
dependem de aspectos intangíveis,
impalpáveis, subjetivos...
e de como foram aninhando
os portos na alma.
E de circunstâncias que podem
ir mudando junto com
nossos sentimentos:
pois o desejo e a paixão
fazem transmutar os portos.

Valparaíso e Veracruz
têm uma mesma cena:
a dos barcos que se vão,
perdendo-se nos confins.
Abandonando no água um rastro
que se apaga pouco a pouco.
E deixando devagar
nossa mirada vazia.

Os dois portos
têm felicidades
intensas e singelas.
E o amor que circula

por este novelesco porto
é o mesmo que ronda
pelo romântico porto de Valparaíso:
Poesia ostentosa da vida,
metáfora nua do humano.

E Veracruz brilha generosa
e Valparaíso está longínquo,
ao outro lado do continente,
caindo-se para o fim do mundo...
lá longe.... inacessível...
além dos Andes...
além do Deserto de Atacama...
além de tudo...

E o vento de Veracruz
sobrecarrega uma oferenda
exuberante e carinhosa.

Enquanto a chuva cai idílica
sobre o imperecível
porto de Valparaíso.

TANTAS VEZES

Tantas vezes me pareceste infinita
e tantas vezes te senti infinitamente.

Tantas vezes te cogitei fisicamente
e tantas vezes te cogitei metafisicamente.

Tantas vezes te julguei em movimento
e tantas vezes te julguei em repouso.

Tantas vezes te refleti concluída
e tantas te refleti interminada.

Tantas vezes pensei que eu era teu centro
e tantas vezes pensei que tu não tens centro.

Tantas vezes raciocinei
que tu eras fixa e imóvel
e tantas vezes raciocinei
que em ti nada é fixo
e nunca estás imóvel.

Tantas vezes conjecturei que sempre
estavas no mesmo lugar,
e tantas vezes conjecturei que sempre
estavas num outro lugar.

Tantas vezes te ponderei como realidade
e tantas vezes te ponderei como ficção.

Tantas vezes te presumi como conexão
e tantas vezes te presumi como ruptura.

Tantas vezes experimentei teu amor
e tantas vezes experimentaste meu amor.

Tantas vezes achei
que me amavas mais que eu
e tantas vezes achei
que eu te amava mais que tu.

Tantas vezes te poetizei reta
e tantas vezes te poetizei curva.

Tantas vezes te escrevi no passado
e tantas vezes te escrevi no futuro.

E tantas vezes filosofei que tu mostravas
a imensurabilidade de teu amor,
constante e persistente,
com um amor alterável e instável.

E tantas vezes filosofei que através

de um amor alterável e instável,
tu mostravas a imensurabilidade
de teu amor constante e persistente.

Tantas vezes te desenhei perfeita
e tantas vezes te desenhei frágil.

E tantas vezes te enchi de beijos de amor
e tantas vezes te enchi de beijos de adeus.

E tantas vezes te deixei ir
e tantas vezes te trouxe de volta.

E tantas vezes fui embora
e tantas vezes voltei.

E tantas vezes fostes embora
e tantas vezes voltaste.

Tantas vezes...

Tantas vezes...

EU SOU EU

Eu sou eu,
e sou eu porque sou eu,
porque se não fosse eu
não seria eu.

E sendo eu,
somente posso ser
como é ser eu...
Porque se não fosse eu,
eu seria outra pessoa
e não seria mais eu.

Por isso para ser eu,
só posso ser eu.

Porém ninguém me perguntou
se eu queria ser eu.
Assim, eu não escolhi ser eu.

Quando percebi que era eu,
eu já era eu.

Mas
se me tivessem perguntado
(Deus por exemplo...)

como eu queria ser,
eu teria pedido um tempo
para achar você primeiro...

E antes de decidir,
teria falado com você
e teria perguntado a você
como você gostaria que eu fosse...

LONGÍNQUA

Longínqua.

Numa distância
contingente e reparável
que me seduz e me alucina.

Amando,
sempre amando.

E dizendo-me que ao amor
não lhe agradam as distâncias.

E que a separação
é nos dois sentidos,
porque para ti
eu também estou inacessível.

E te ofereces a mim
desde a lonjura
plena de aromas e sabores.

E tenho vontade de apalpar
a textura e a essência
de tua vivacidade.

E ficar-me quieto,

bem quieto.

Sentindo

tua fragrância e teu impulso.

Tendo-te perto

bem pertinho.

Iminente,

Adjacente,

Contígua,

Lindante comigo.

Sem nenhum desterro

entre teus átomos e os meus.

ACONCHEGO

A tarde ia acendendo-se
lá no horizonte
e o sol afundava
num mar sagaz.

A seguir veio um beijo
e a noite foi nascendo.
E tua roupa foi caindo
como folhas em abril.

Éramos tu, eu e a noite
num triângulo amoroso,
e La Serena e seu encanto
aninharão em tua voz.

“Te ofereço estes momentos
para que os guardes para sempre”
disseste na penumbra...

E a continuar beijando-te
tua boca me chamou.

ALMA DE ANDORINHA

Não iras embora
ainda que o queiras.
Voltarás,
porque não poderás viver
sem meu amor
nos invernos nevados.

Na distensão do tempo
vou esperar-te;
e uma primavera voltarás,
como suave garoa caindo
sobre um chão sedento e árido.

E te festejarei
como os eucaliptos
comemoram a chuva.

E te trará de volta
tua alma de andorinha.

NAS PORTAS DO INVERNO TE ENCONTREI PRIMOROSA

Nas portas do inverno
te encontrei primorosa....
carregada de inclemências
e poesia cheirosa ...
E sentindo meu amor
reverdejar de repente
te declarei persistente
um sublime argumento
de existencial agasalho
e vinho eloqüente.

Depois veio uma brisa
que mexeu teus cabelos,
e a tarde dissertou
sua felicidade filosófica,
e conjugue em teu olhar
os verbos do orvalho,
e um vento brincalhão
penteou tuas sobrancelhas ...

E o cristal da janela
ficou-se melancólico
ao refletir teu retrato
de nudez sideral.

E o relógio na parede
nos lembrou
que o tempo passa,
e amorosa de amores
te desenhaste a cores
na aconchegada tela
duma incidência outonal.

II

Não deixarei que os meses
desfaçam suas linhagens,
nem que desmanchem seus ninhos
as palavras-andorinhas.

Não quero que nada emigre
quando o inverno volte;
construirei um refúgio
de antonomásias fulgentes.

Só assegura-te a mim
que vou alçando vôo.

Levantarei minhas asas,
mas não para emigrar.

Vou ficar invernando
no acalantado chão,
do vulcão incessante
de teus bosques ardentes.

O OUTONO LÁ FORA ESTÁ QUASE TERMINANDO,

O outono lá fora
está quase terminando,
e dentro de mim há um outono
que nunca termina.
Não é o outono claro
que vejo através dos cristais,
com suas cores cinzas e harmonias.
Senão o outono da reminiscência,
saturado de frio e de neblina.

Por que sempre
é outono na lembrança?
E por que nas
Alamedas do passado
raramente os outonos se terminam?

E este outono se vai pelas veredas,
com seus quadros melancólicos e líricos.

E o outono que aninha na memória
é impetuoso em infância e cadernos,
em sorriso maternal e *sopaipillas*.

Ah! diáfano outono

no arvoredo da escola...

Úmido outono

na praça da esquina.

E nesses dias de outono interminável,
a casa cheirava à manteiga derretida,
espalhada sobre o pão recém-saído,
e o leite quentinho com baunilha.

Mas o estranho

é que agora me dou conta

que esse outono

está cheio de luz e de energia.

O que me obriga a corrigir

o que eu disse,

faz um momento,

ao mencionar o frio e a neblina:

Porque ainda que o lembre friorento,

esquentame o amor da família.

E ainda que o pense nebuloso,

o olhar de meus irmãos me alumia.

Ah! outono que não és este outono,

que afora de meus vidros se calcina.

Senão o outono das ruas da infância,

com amorosas e risonhas companhias.

Por que será que no trem da memória
quase não viajam folhas amarelas?

Deve ser porque então se estendem
os sabores do lar e da comida...
E porque então eu pensava pelas tardes
no açucarado amor de uma menina.

E o tempo transcorria com ternura
porque tinha uma mãe e uma tia,
e um pai, que apesar de algo distante,
era o sol que iluminava nossas vidas.
E o barulhento conversar de todos juntos,
parecia uma grande algaravia...

E agora, afora, ao outro lado dos vidros,
há um outono que declina suavemente.

E no longínquo jardim da memória,
um braseiro com lenha de eucaliptos,
arrulha este outono relutante e reticente.

PARA AMAR-TE ESTA NOITE

Para amar-te esta noite
de exuberante garoa,
e espalhar minha paixão
por tuas formas nuas,
eu daria minha vida
e as vidas futuras.

Pois não quero outra coisa
a não ser estreitar-te
e sentir a afeição
generosa e afável
da humana textura
de tua agraciada carne.

E o vento sucumbe
pelos gelados tetos,
em monótonas notas
de saudade e desterro;
enquanto uma luz na rua
faz notórias as gotas.

E pouco a pouco me durmo
com teu nome nos lábios
e te sonho a meu lado
numa ficção impetuosa.

DEITADA NA TARDE

Deitada na tarde, luminosa e amada,
despida de tudo, acolhedora e humana,
eras contornada nos torrentes do destino.

Seráfica imagem de perfeição profana.
Na taça de vinho do sol de teu umbigo,
flamejavas colheitas, festejavas a vida.

Âmago de mel e uva, cálice de intensidade,
carnaval apoteótico, chama no templo de Eros,
harmoniosa matéria de vital umidade.

Como é bom afundar em tua feminina imanência
— Helênica beleza de cálidos oceanos —
E abrangendo teu corpo sentir a eternidade.

ELA PASSA

Eu abriria minha alma,
rasgaria os céus,
por deitar-me a teu lado
por toda uma tarde.

E na intensidade do tempo
conjugaria as brasas
que tu andas deixando
por toda minha carne.

Pois és mulher
de cândida substância
que deambulas sensual
por meus amplos desertos.

E tua luz redentora
se expande em meus olhos
enquanto passas divina,
contingente e confiante.

E no plano de fundo da tarde
teus saltos vão soando,
delicada, elegante.

E com teu corpo ondulando

avanças simplesmente.
tua saia transita.
vais linda... radiante...

E eu te contemplo
silencioso e profundo,
profanando teus traços,
desaroupando teu corpo,
e quisesse vagar por tua
exterioridade ensolarada
e ter-te em fartura
por toda uma tarde.

E com cadência grandiosa
te moves deslumbrante,
com as cores mansas
de uma vida plena.

Como um anjo impudico
passando ante meus olhos,
deixando a teu passo
a luz da tua existência,
e em minha essência
o excelso anseio de beijar-te.

(Esse ocorrer tão teu,
de harmonia inigualável,
alumia meu ser.

E no mais intenso
de meu coração que te ama,
eu te agradeço:
pela íntima dita
que me transmites ao ver-te).

PRIMEIRA RIMA NO OUTONO

Vai caindo pelas ruas
um outono vigoroso.

E as linhas de teu corpo
caem sobre meus olhos.

E uma outonal sinfonia
se espalha sobre teu rosto.

E os dois vamos caindo
um sobre o outro.

E um olhar romanceado,
feminino, me envias.

E sobre a eufórica brisa
vai verdejando a vida.

E me ofereces risonha
tua cordial companhia.

E uma biblioteca de amores
as folhas vão escrevendo.

Num encontro frondoso

de paixão desmedida.

SEGUNDA RIMA NO OUTONO

E a tarde vai indo embora,
vai-se tão só, se vai.

E meus sonhos por tuas formas
vão viajando sem cessar.

E as ilusões se deslizam
pelas letras do silêncio.

E a vida vai passando...
passando sem regressar.

E penso que nosso tempo
é tão eterno e fugaz.

E logo me olhas meiga...
e eu te quero beijar.

E teu rosto mostra o candor
dum cálido instante outonal.

E sinto que sou feliz
tão só por que aqui estás.

E dizes como me amas

e eu digo que te amo mais.

E uma sensual poesia
se desenha no ar frio.

E parece que até as folhas
querem pôr-se a cantar.

E meu desejo só quer
por teus vales deleitar-se.

E a tarde vai indo embora,
vai-se tão só, se vai.

PRIMEIRA RIMA DE PRIMAVERA

Chegou a primavera...
chegou, chegou, chegou.

E vais deixando a teu passo
um suave incenso de amor.

E a vida pulsa alegre
em teus cílios vigorosos.

E no azul intensamente,
vivamente, te reflexas.

E parece que o sol brilha
tão só para alumiar-te.

E um saborzinho de vinho
nos lábios tu me deixas.

E a diáfana primavera
se expande por todas partes.

E sou um homem feliz
ao ver-te linda e radiante.

E no fundo de meu ser

tão só quero abraçar-te.

E ao ver que me olhas terna
me atrevo a pedir-te um beijo.

E sorridentemente me dizes
“posso dar-te mais do que isso”.

SEGUNDA RIMA DE PRIMAVERA

E de repente a tarde
vai-se enchendo de água.

E a chuva vai caindo
e simplesmente nos lava.

E nua tuas cores
e desvenda minhas paixões.

E pelos vales de teu corpo
quero ir catando amores.

E sob tuas sobrancelhas
há um sol de primavera.

e extasiado cantarolo:
que chova,
que chova,
que chova.

POEMA PARA TEU ACORDAR

É cedo e chove.

Sentimentos se aglomeram
nas fronteiras de meu ser.

E te penso acordando,
abrindo os olhos.

Enquanto o vento empurra
sutilmente as gotas
sobre os vidros da janela.

E te aconchegas
entre os cobertores,
ao sentir o cálido
murmúrio da chuva.

E voltas a fechar os olhos
sem saber com certeza
se estás acordada ou dormida.

É que é muito cedo e chove.

E sorrio ao imaginar-te
neste instante

no calor de tua cama;
Quentinha,
Latente,
Íntima,
Ternamente despenteada.
Tocada delicadamente
pelo esplendor do dia que flui.

E te revivo e te reencarno
na onírica calma do alvorecer.

E és um poema amanhecendo.
Prazenteira poesia da aurora.
Madrigal da luz que chega.

E me sinto feliz
de poder filosofar-te,
nesse instante poético.

E te envio minha paz,
um fragmento de meu amor,
e um beijo de eternidade.

POEMA PARA TEU MEIO-DIA

Raios ferozes,
como beijos divinos,
inundam as veredas
desde as alturas nubladas.

É meio-dia.

E tu vais radiante
sob a chuva clara...
Enquanto o tempo
vai timoneando as palavras.

O cheiro a café,
e o filme de você caminhando,
completam a perfeição
deste momento.

Contemplo-te:
Floresces a cada instante,
és como uma
primavera essencial.
Formosamente envolvida
pela celestial chuva.

Ah! se cada gota fosse um beijo,

eu poderia beijar-te tanto!
Ah se cada trovão fosse um abraço,
eu poderia abraçar-te tanto!

Se até parecesse
que não há tristezas
no mundo
quando te contemplo.

E a chuva me ensina
a arte de amar-te,
e eu aprendo rápido.

Ah sublime instante
de luz e gratidão!
de simplicidade intensa,
de vida acontecendo.
E de amor cochichando
uma ode à chuva.

POEMA PARA TEU ENTARDECER

Aos poucos a chuva
se vai transformando em noite,
e minha mente te inventa
na chuva vespertina.

E te penso tão perto,
que posso sentir teu sangue
regando as flores da poesia.

Tão iminente,
que as sementes da saudade
brotam todas juntas.

Tão próxima,
que uma nova antologia poética
começa a ser escrita.

E então compreendo
o que é a essência
da contigüidade
somente porque
te sinto perto.

E entendo
o que é a suma beleza,

tão só porque és bela.

E a vida se expande
espaçosamente.

E a brincalhona chuva
asperge teus cabelos.

E teu semblante é primoroso
sob a chuva impetuosa.

E a chuva acomete
e anula as distâncias.

E as luzes se acendem
e eu caminho, como
um cavalheiro solitário,
sob a chuva crepuscular.

Que momento lindo!
Que entardecer doce!
Ah, que feliz instante!

Tua lembrança és perfeita
neste entardecer chuvoso.

INUNDADA DE LUZ

A luz da manhã
roda e roda,
por arqueológicas
e longínquas estradas.

A luz insiste:
viaja e viaja

Ah! a pertinaz luz...

E eu me inundo de luz
e te trago à memória...
Revivo-te quando
tu também eras inundada de luz.

E me olhavas banhada de luz,
e me amavas molhada de luz.
E eu te amava tanto
envolvido
em tua feminina luz.

E a felicidade era
uma correnteza de luz.

E tinham beijos de luz
e vocábulos de luz.

Pensamentos luminosos
e amor cintilante...

Tudo era luz então...
pura luz... nada mais que luz...

Então eu te disse
que minha alma
era igual que os desertos.

E tu me disseste que tua alma
era como o céu azul da tarde...
azul... muito azul...
E sobre um mar também
profundamente azul.

E é isso o que agora
me faz pensar
nas inóspitas desolações,
e sentir a luz transitando
numa torrente de poesia:
caudalosamente azul
e impetuosamente calma...

E o deserto volta
sobre meus passos,
e me abre caminhos agrestes.

E é o deserto em sua extensão
que me chama e me chama...

E de repente penso
que quiçá fui eu
o que um dia morreu
nesse deserto...
que foi meu corpo
o que ficou imóvel
sobre a interminável aridez.

Mas é só ver teu rosto
e vejo que estou aqui,
tocando-te,
cheirando-te,
olhando-te...

E sei que não pude ter
sido eu o que tombou
nesse deserto.

E lembro tua mão
indicando-me o céu...
e dizendo-me
que assim era tua alma.

E dentro de mim
algo segue vagando
por essas solidões,
por essas afastadas sendas
opulentas de luz e vastidão...
que dormem imóveis
nas planícies do tempo...

E eu te amo ainda
como naquela luz...

NESTA PRIMAVERA

Nesta primavera,
cheia de inclinações
e apotegmas.

Em que o céu limpo e sereno
se abre como um livro.
E teu olhar é um convite
à poesia do amor.

Nesta primavera
em que as ruas
se enchem de mulheres bonitas.

Nesta primavera em que tu és
a mais bonita de todas.

Nesta primavera
sem nada triste.

Nesta primavera
em que a neve já se derreteu
nas montanhas.
E os rios correm
eufóricos e destemidos.
E o Vale se enche

de um ar cálido,
quase amoroso...
fraternal...
que vai anunciando o verão.

Nesta primavera,
em que os aromas dos frutos
bóiam pelos mercados,
e o desejo de felicidade
bate à porta
de nossos corações,
e cada beijo teu
me deixa um pedacinho
de paraíso por todo o corpo.

E as ladeiras dos morros
se enchem do verde
das folhas das parreiras.

Nesta primavera
em que tu tens
cheiro a vinho e gosto a pão.

Em que posso estender-me
nas acolhedoras
moradas de teus braços.

Esta primavera
é a primavera
em que mais te amo...

MULHER DESFRAGMENTADA

Deixa-me desfragmentar
o infinito.

Navegar até o fundo
do coração de você
e desfragmentá-lo tudo

Percorrer o perímetro
de seu umbigo
e desfragmentar você toda.

E descobrir que o infinito
tem coração e umbigo

Deixa-me ser seu
desfragmentador de infinitos.

E entre desfragmento e desfragmentos
olhar você completamente desfragmentada...

Desfragmentada da cintura para cima,
desfragmentada da cintura para baixo.

Desfragmentada intensamente,
Femininamente desfragmentada,

Desfragmentada infinitamente,
umidamente desfragmentada.

Quero ser o desfragmentador
de todas suas histórias...

De sua ternura plural
e de sua nudez singular.

Ah! me deixa desfragmentar você...
Quero seu amor desfragmentado
e suas verdades desfragmentadas.

Quero você desfragmentadamente,
Desejo todos seus desfragmentos.

Amar você como amo
um desfragmentado outono:
com sexualidade desfragmentadora
e com folhas desfragmentadas.

Ah! Quero você toda desfragmentada!

Mulher de desfragmentadoras delícias:
Você me deixa ser seu infinito desfragmentado?

GEOGRAFIAS DO TEU CORPO I

SERÁS

Cairão as folhas
nas geografias
de teu corpo,
e tu serás um nome
que rondará triunfante
por minhas veias

Cairá a neve
nas alturas
dos Andes,
e tu brotarás
em meus olhos
em minha alma
e em meu sexo.

E transbordarás.

E meu corpo
desejará derreter-se...
ser água.

Elevar-me
e cair em teu cabelo
como paradisíaca chuva.

E adentrar-me em teus vales
com meu amor fulgurante,
e banhar-me em teus rios
fragrantes a cordilheira.

E renascer na paz
de teus peitos de terra.

E ser um vulcão
ou ser uma quebrada,
no mapa de cobre
de tua amada geografia.

GEOGRAFIAS DO TEU CORPO II

NO SUL DE TEU CORPO

Oh amada!

Estou no sul
de teu corpo.

Vou bordejando
tua topografia
contígua.

Perambulante,
Errante.

No sul de teu corpo.

Reboleando
em tua erva
molhada e nupcial.

Confundindo-me
em teus bosques.

Transitando *ventisqueros*

Estou no sul de teu corpo.

E te encontro,
dadivosa em orvalhos.

E me elevo até o mais
recôndito de tua geografia.

E subo cantando,
E subo cantando,
E subo cantando,

GEOGRAFIAS DO TEU CORPO III

NO NORTE DE TEU CORPO

Ai Amor!
Agora estou
no norte
de teu corpo.

Estou
nas fronteiras
de teu ventre.

Explorador perdido,
cheguei sedento.

Para receber
os figos que nos
adoçam a língua.

Feliz,
em festa.

Caloroso em poemas,
abastado,
empapado.

Mordo a fruta,

Amasso o pão,
Derramo o vinho.

Entre figueiras e oliveiras
te embatumo
com uvas maduras.

Tinjo meu rastro
com a cor do mar.

E te amo
em tuas frondosas latitudes.

GEOGRAFIAS DO TEU CORPO IV

TE ÉS UVA EM MINHAS VEIAS

Pelas cordiais ruas
vou andando sem pressa;
com o viçoso mapa
do amor de teus olhos.

Sou o sol do deserto
caindo em tuas bochechas;
Transitando a teu lado
por fronteiras longínquas.

Vou comendo em tuas mãos
torrentosas de pão,
de teus frutos maduros,
por tua pele de pêssego.

Eu sou tudo de barro;
Tu cheiras a erva.
Eu sou sujo de neve;
Tu de figos e argila.

Eu sou vinho em teu sangue;
Tu és uva em minhas veias.

Eu mordo tua carne;
Tu sangras de terra.

Eu me adentro em teu corpo;
Tu és branca de neveiro.
Eu esvazio meus rios;
Tu jatias beleza...

GEOGRAFIAS DO TEU CORPO V

ACORDEI

Acordei;
Senti na alvorada
a provida cercania
de teus peitos.

Teu cabelo
se enredava
por meu rosto.

Algo doce e humano
esquentava a harmoniosa
geografia de tuas costas.

Eu tinha-te achando
em noturnas azinhagas;
E na fragrância cálida
que me entregava teu alento.

Eu tinha-te estreitado
em refulgentes caminhos;
com tempo,
com luz,
com ardoroso desejo,
com alfabetos silenciosos,
com amor e atalhos ardentes.

GEOGRAFIAS DO TEU CORPO VI

VEM-TE TODA NUA

Dá-me agora de novo
uma terna tormenta;
E navega em meu ser
com tua barca de fêmea.

Eu te estou esperando
com o vinho em minha mesa;
E apesar do inverno
na minha cama há calor.

Dá-me um torrente de beijos,
um anel de eras,
teu noturno verão,
teus jardins sem rédeas.

Vem-te toda florida...
com cheiro a ameixas.
Vêem coberta de pólen,
de semente e ribeiras.

Põe-te um verde lenço,
um vestido de festa,
toma banho de lua,
se morena de estrelas.

Depois vem a meus lençóis
de vinhas e amêndoas.
Vem-te toda nua...
meu desejo te espera.

AH, SEUS OLHOS NO EQUINÓCIO

I

Ah, seus olhos...
mundos fulgentes.

Neles estão todos
os poemas...
da argila aos bytes.

Ah, seu corpo:
todos os espelhos
querem refletir sua imagem,
brigam por retê-la;
Mas são meus olhos
que persistem
e lhe seguem
na sua pele
e em sua arte:
Orvalho do jardim das delícias.
Suave vento no ermo do deserto.
Mel derramado sobre
o favo da vida...

Você:
Abrindo as janelas

para eu navegar...

Ah, eu na onírica espuma.

II

Abraçados, ofegantes.

Da terra ao *hiper-uranos*
da cabeça aos pés,
nossas línguas balançavam
as estrofes de um beijo.

Você se transluzia
em cosmogonias e nuvens.

E eu viajava
no nau dos deuses.

III

E agora me sento no retábulo
onde descansam os homens
que cursaram os abismos do desejo.
Na estalagem
onde comem os viajantes
que voltam carregados de histórias
e com as marcas do amor na pele.

IV

E nas constelações do sul
há centelhas de felicidade;
e há pó de estrelas
em minhas sobancelhas.

Meu semblante está cheio
de uma melancolia que não tenho.
Sou como Dante
quando voltou do Paraíso...

V

E tomo o vinho
servido em sua mesa
e aceito o sol de seu quintal.

E percorro seu corpo
com as velas enchidas;
até o último porto,
até a última taberna,
até a última medição estelar.

E as gaivotas anunciam,
no trinar,
que a terra firme está perto:
delícias de frutos,
água fresca.

Velas alçadas
para rumarmos
pelos anseios condizentes,
pelos vulcões acessos...
pela secreta lava...

Tudo lá,
no horizonte amplo
da praia de seus olhos.

VI

Ah, formosa.

Chove, e a chuva me arrasta
pelos rios da memória.

E na saudade você resplandece
na nudez e na musicalidade.

E você fica toda episódica,
desenhada
no quadro da vontade.

Festejada e aclamada
na sua veleidade
e no bel-prazer
de seu despir-se.

Nas suas curvas linhas
de versos selvagens.

E nas andorinhas
do epicentro
que se estende
na arte poética
de seu ventre .

VII

Então eu lhe digo:
bem-vinda ao outono
e canto uma antiga ária...
um aleluia pelo sol
em seu equinócio...

E as coisas
são o brado do coral.

E você dança nua
a música do tempo que transcorre:
uma dança pelo tempo ido,
uma dança pelo tempo presente,
e uma dança pelo tempo futuro.

E eu vou cochichando
por toda sua pele:
bem-vinda ao outono;
enquanto você sorri...

E me pergunto:
será que o outono
também tem cócegas...

Será que as folhas

quando tocam o ar
fazem o outono
expressar-se a gargalhadas.

Será que o outono
no declinar das folhas
ri em seu tempo cíclico.
Ri pelos instantes memoráveis,
só eternos na lembrança.

Mulher:
bem-vinda ao outono
e à suave luz das janelas...
à luz que deixará você
imortalmente esplêndida...

VIII

Ah, sua roupa caindo,
derramando o vinho do deleite...
Ah, eu preguiçoso entre seus braços,
enquanto o outono
transcorre por seus brincos...

Ah, minhas mãos refletindo
o feminino mapa de seu corpo.

IX

E você trafega
de um regozijo
até uma reminiscência.
Da misericórdia da aurora
até a piedade do lusco-fusco.

Onde nossos corações
se enchem de asteróides...
E as moiras tricotam
as alegorias do destino.
E as verdades ondulando
têm cauda de cometa...

X

E me embebedo
mais uma vez
em sua beleza,
evoco as musas,
e desenho você
no equinócio.

E você é singular no equinócio;
como só você sabe sê-lo.

BEM-VINDA AO INVERNO

E por fim chegou o solstício...

Volição e nitidez.

E eu te enviava

com a brisa um sussurro:

“bem-vinda ao inverno”.

E o solstício foi fraterno,

e deixou em minhas artérias

episódios de você:

sua perspicaz música

de travessuras vinícolas,

suas ardorosas odisséias

de oliveiras acesas.

E no solstício,

você dançava bela

minha poesia austral.

E eu festejava bebendo

na taça natural

de sua anatomia.

E na cristalina nudez
que você me oferecia,
achei a caligrafia
perfeita para dizer:
“bem-vinda ao inverno”.

BEM-VINDA AO SILENCIO

Há um lugar
nos cernes do deserto,
onde somente há silêncio...

Nenhuma palavra vai até lá.
Pele generosa de brilho e de sol.

E quando chega a noite no deserto
parece que o silêncio dorme...
e se faz mais silêncio...

É o silencioso silêncio do silêncio,
que adormece nas espessuras
das penumbras do deserto...

E nessas profundezas
silenciosas do deserto,
até os cactos morrem.

Nos âmagos do deserto
as imagens viram sal.

E toda umidade se volatiliza,
e a seiva se desvanece.

Mas, quando chega o alvorecer
e o fulgor raia o horizonte,
você acorda luzente em meu deserto.

Então, sobre um orvalho
de luz e de beleza,
faço-lhe cócegas silentes,
e cochilo por todos seus sorrisos:
“Bem-vinda ao silêncio”.

BRINDO POR VOCÊ NOS INFINDÁVEIS MARES

E nos vales escorreu maduro,
do manancial nascente,
o afável vinho da virtude.

As parreiras dormem
fotograficamente,
nos leitos dos mares transcorridos.

As obras deleitosas
enchem gratamente os cálices,
numa dança de feminina fragrância,
veleidade e pureza.

Plena de sabores:
você eleva-se nas aquarelas
refletidas no vinho.

A taça espelha os ecos
de sua canção
nos alcantilados do amor.

Sublime reflexo,
miragem no orbe das crônicas.

Você chama-me desde

os intensos abismos da vontade...

Imagem que amedronta

os navegantes.

Mas, eu nada temo:

já atravessei os recifes

sem tampar meus ouvidos.

E na esperança de afundar em seus amores,

não quis amarrar-me ao mastro.

Fui náufrago em sua água...

Bebi o sal misturado com o mel.

Senti seu sangue pulsando,

martelando...

Soçobrei nos rochedos

de poesia e jabuticabas.

E agora enquanto o sol abrasa

de luz as esteiras azuis...

Brindo por você,

nos infindáveis mares.

Brindo por você,

coruja das ilhas da alvorada.

**EU SEI QUE JÁ VI, EM ALGUM ANCESTRAL PERGAMINHO,
ESSA TRISTEZA AZULADA QUE HOJE
VOCÊ TINHA RABISCADA NO ROSTO**

Eu sei que já vi,
em algum ancestral pergaminho,
essa tristeza azulada que hoje
você tinha rabiscada no rosto.

Eu sei que já me deparei
com essa caligrafia nebulosa.

No lembrar de seu beijo
na solidão de alguma chuva.

Ou na espera,
com vestimentas molhadas
e sapatos úmidos,
de algum aeroporto.

Ou na linha cansada de ser linha,
que anseia geometricamente
ser um triângulo idílico.

Ou no sensual dilema
que diz “nunca” na fria manhã,
e logo diz “sempre” poeticamente

ao ascender-se a primeira estrela.

Ou nas madressilvas
da poesia de Bécquer,
(que abrem suas flores à tarde
como lágrimas do dia,
coalhadas de orvalhos).

Ou em suas obscuras andorinhas
que aprendem nossos nomes,
e nunca voltam.

Ou no poema que escrevi,
no qual você é uma andorinha
que pretende ficar,
para fluir, amar
e ser amada no inverno...

Ou num livro de odes,
escrito em seu olhar
numa língua que não leio.

Conheço essa tristeza
com sabor a farinha e sal.

Ela tinha algo do tempero
do tempo que transcorre.

Dos sabores que lembram o amor,
e das ausências que difamam os sabores.

Nas ressonâncias cromáticas,
das borboletas no jardim das janelas.

E uns sinos que lambiscam
nalgum lugar da reminiscência.

Eu sei que você também
pode ouvir esses sopros
que surgem do passado:
e foi isso o que vi hoje
na melancolia poetizada
de sua fisionomia.

No azul de seu plano de fundo
havia equações amorosas,
que ambicionavam resolver-se
ou simplesmente dissolver-se.

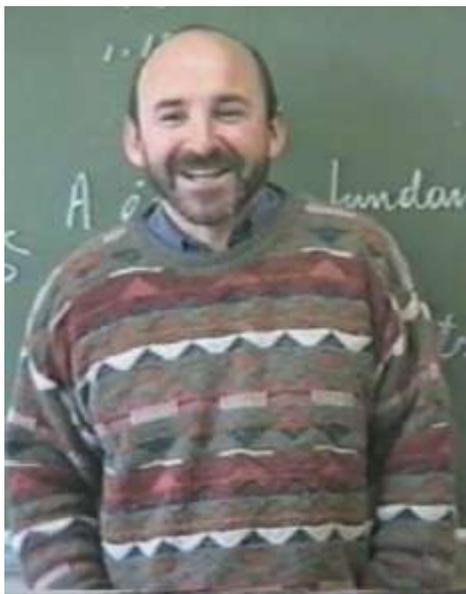
Pensei numa fotografia
preto e branco,
desbotada e admirada,
que eu tirei de você
muito antes de conhecer você.

Mas, que estranhamente,
era a imagem que vi hoje
na plangente lividez
de sua saudade.

Eu sei que já contemplei
essa foto em alguma moldura,
mas não consigo lembrar
donde... quando...

Quiçá foi no solilóquio das entrelinhas
de um abecedário cuneiforme...
naquele entardecer
em que tive a visão de nós
num retrato envelhecido.

você e eu:
duas paralelas
que se amam
e sonharam um outono
se encontrar no infinito...



Jorge Luis Gutiérrez nasceu na cidade chilena de Quillota, na zona central do Chile. Mas morou até os vinte anos na Cidade de La Serena no norte do Chile. EM 1983 veio para o Brasil. Atualmente é professor de Filosofia na Universidade Mackenzie e na Faculdade de Filosofia de São Bento, em São Paulo. Sua área de especialização é filosofia antiga e medieval, sendo mestre e doutor em Lógica e Filosofia da Ciência pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Seu primeiro livro foi *Fragmentos de Ternura, Filosofia e Desterro*, livro bilíngüe de contos e poemas de amor. O segundo foi *A Controvérsia de Valladolid*, um livro de filosofia que tem por tema a famosa controvérsia sobre Aristóteles entre Frei Bartolomé de Las Casas e o Doutor Juan Ginés de Sepúlveda, que aconteceu na cidade espanhola de Valladolid em 1550.

Professor de filosofia, teólogo, escritor de poemas e contos, arqueólogo amador, ciclista, viajante, montanhista, Jorge nos apresenta agora seu terceiro livro: *Inundada de luz, poemas de amor e de filosofia episódica*. Um novo livro de poesias, que é com certeza, uma grande obra, da melhor poesia.

Para comprar este livro: Editora: [Baraúna](#)

Contatos com o autor:

jorgelrg@uol.com.br

<http://filosofar.sites.uol.com.br/>

[Página literária de Jorge Luis Gutiérrez](#)